

Sufrimento Internalizado Manifestado no Comportamento: A organização escolar como Lócus da formação de significados nas interações sociais

CLEDINALDO APARECIDO DIAS
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB)
cledinaldodias@yahoo.com.br

SIMONE TIÊSSA DE JESUS ALVES
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS (UNIMONTES)
tiessa.alves@gmail.com

PABLO PERON DE PAULA
pabloperon@hotmail.com

Sofrimento Internalizado Manifestado no Comportamento: A organização escolar como *Locus* da formação de significados nas interações sociais

1. INTRODUÇÃO

Observar o problema da violência em instituições educacionais transcende o olhar pontual sobre o presente e avança a percepção para o homem do futuro, uma vez que os processos de internalização e externalização são fenômenos individuais que perpetram a existência do sujeito e se refletem ao longo de toda a sua vida nas suas relações sociais. Wong e Schonlau (2013) em estudo sobre *bullying* na infância descobriu que ser intimidado antes da idade de 12 anos estava associado a múltiplos comportamentos delinquentes seis anos depois, incluindo fuga dos problemas, vandalismo, roubo, crimes contra a propriedade e agressão. Também pesquisa de Haynie *et al.* (2001) sobre vítimas e agressores de *bullying* exibem alterações nos seus comportamentos futuro.

Considerando a adolescência um período crítico da vida, caracterizá-la apenas como uma faixa etária torna-se uma maneira muito simplista de observação, uma vez que esta compreende a transformação do jovem até a vida adulta, não apenas sob o ponto de vista biológico, mas também social e, principalmente, psicológico (Cavalcante, Alves & Barroso, 2008; Carlson, Oshri & Kwon 2015). Atos e fatos vivenciados na adolescência tendem a construir o perfil sócio psicológico e cultural do sujeito, a partir da internalização, ou seja, o desenvolvimento cognitivo produzido de fora para dentro a partir da interação social (Vyghotsky, 1978). De acordo com Schenker & Minayo (2005) o uso de drogas lícitas ou ilícitas, por exemplo, vão permear da adolescência e podem acompanhá-lo a velhice e, no caso do Brasil, notadamente por meio do consumo de álcool, fumo e maconha. Esse tipo de comportamento pode ser identificado como um recurso de externalização, o que significa a manifestação de algo latente que em algum momento vem a se manifestado. Goldberg-Looney (2016) em estudo sobre o uso de álcool entre adolescentes na Espanha identificou como ação de externalização a indisciplina na escola, causando expulsão; a participação em brigas; atividades sociais noturnas sem horários de retorno para casa e a socialização com amigos consumidores de álcool.

Na adolescência o conceito de interação grupal é perceptível e o indivíduo busca pertencer a um grupo com o qual se identifica. Essa interação tem como *locus* principal a escola, vínculo social mais marcante nesta fase. Para encontrar o sentido de pertencimento o grupo de colegas acaba por influenciar as ações do adolescente e fazer com que este adote atitudes que permitam a sua aceitação. A busca pelo assentimento sujeita o adolescente a ações de encorajamento e desafio, muitas vezes impostas pela necessidade de autoafirmação, o que pode incitar uma variedade de recursos para a prática da violência.

A violência na infância e na adolescência é, mundialmente, uma experiência assoladora trazendo consequências prejudiciais ao desenvolvimento físico, social e psicológico às vítimas (Garbin, 2016). Apesar da maior sensibilização da sociedade muito ainda se tem a fazer para garantir proteção das crianças e adolescentes. Os dados da Secretaria de Vigilância em Saúde (Brasil, 2013) mostram que a violência no país se expressa de forma diferente entre homens e mulheres e deve ser entendida a partir da violência de gênero. Em estudo sobre violência doméstica, sexual e outras violências foi notificado que 38.010 (33,4%) ocorreram entre homens e 75.633 (66,6%), entre mulheres. Neste grupo registrou-se que entre os homens, 24,1% era de crianças entre zero e 9 anos e outros 26,5% adolescentes de 10 a 19 anos. Já nas mulheres os números foram de 15,9% na faixa etária de zero a 9 anos e 25,7% adolescentes de 10 a 19 anos. Yablon (2017) e Laranjeira *et al.* (2014) apresentam que entre os desagravos da violência entre adolescentes é possível identificar uma longa lista de sinais

iniciais, incluindo o banimento e exclusão social, o bullying, a agressividade entre familiares e amigos, o uso de drogas ou álcool, o baixo desempenho acadêmico, a intolerância, entre outros.

Percebidos nessa perspectiva, identifica-se que as diversas manifestações de violência bem como o uso de drogas e o não comprometimento acadêmico tornam-se mecanismos simbólicos de manifestação (consciente ou não) de problemas psicossociais dos adolescentes, tanto no contexto das organizações escolares quanto na estrutura familiar (Pappa, 2004). Assim, identificando as organizações escolares como *locus* da formação de significados nas interações sociais, questiona-se: como a exposição à violência nas organizações escolares, promotora do sofrimento internalizado, externaliza a violência entre adolescentes?

Partindo dessas considerações o presente artigo tem como objetivo descrever a prevalência de exposição à violência entre adolescentes de escolas públicas do Estado de Minas Gerais e elucidar que tais exposições estão associadas com atitudes violentas baseadas no gênero e com problemas de internalização e externalização. Para tanto, tenta replicar o percurso metodológico realizado por Ameli *et al* (2017) consideradas as limitações da amostra e a distinção das realidades dos espaços trabalhados.

Acredita-se que o estudo trará contribuições para o planejamento de políticas públicas para redução da violência escolar, bem como subsídios para que os gestores escolares compreendam os fatores inerentes à problemática. Entende-se que a temática também afete as ações associadas ao desempenho educacional dos alunos e das escolas, impactando os resultados das políticas de educação.

2.REFERENCIAL TEÓRICO

Em estudo sobre o mal advindo da violência Souza e Jorge (2006) a definem como todas as formas de relações, ações ou omissões praticadas por indivíduos, grupos, classes, nações que venham a provocar danos físicos, emocionais, morais e espirituais a si próprio ou aos outros. Manifestada nas discriminações e preconceitos a violência agride crianças e adolescentes em diferentes formatos, por exemplo: crianças e adolescentes negros estão mais expostos à discriminação e vitimização; as do sexo feminino são mais vitimadas pela violência não letal; deficientes físicos, portadores do HIV e pobres são mais vulneráveis e expostos aos acidentes e violências e aos danos por estes provocados.

Wirtz *et al* (2016) e Squeglia & Cservenka (2017) descrevem que a violência contra crianças é uma violação aos direitos humanos, caracterizando-se como um problema de saúde pública global, causando efeitos negativos ao longo da vida, incluindo impactos na saúde física, mental e reprodutiva, bem como no desenvolvimento social e cognitivo. Ela é definida como qualquer abuso físico ou sexual, ou negligência, frequentemente categorizadas como "abuso infantil", "maltrato infantil" e outras variações desses termos na literatura. Ademais, violência contra a criança inclui todas as formas física e sexual, abuso emocional, negligência, tratamento negligente e exploração que é perpetrada contra menores de 18 anos.

O cotidiano das escolas é marcado frequentemente por conflitos e desavenças. Estudos brasileiros indicam crescimento contínuo desses conflitos, como apontado por Vinha (2014). Leme (2006) apresenta que estudo realizado em um educandário de São Paulo 52% dos estudantes da 6ª série e 46,9% da 8ª acreditam que os conflitos no ambiente escolar têm aumentado nos últimos anos. 76% dos profissionais da instituição acreditam que as desavenças entre os estudantes estão sendo resolvidas de forma cada vez mais agressiva.

Tomados pela violência e inseridos em ambientes de muita agressividade, o adolescente estudante torna-se ao mesmo tempo vítima e agressor, agente de provocação que por razões biopsicossociais o sujeita a atos delinquentes e indisciplinados, afetando a ordem moral e comprometendo sua integridade. A adolescência é caracterizada por um conjunto de

transformações que expõe o sujeito a um modo de vida vulnerável e sensível às relações sociais, devido à construção de sua identidade (Monteiro *et al.* 2007; Moreira, 2008).

Na adolescência o ser humano se abre para novas experiências, amizades, interesses e desafios, fruto do processo natural de socialização. Squeglia & Cservenka (2017) citam que a adolescência é um período de vulnerabilidade para o desenvolvimento de transtornos de uso de substâncias. Essa vulnerabilidade é explicada fisiologicamente por estudos neuropsicológicos e de neuroimagem que elucidaram as vulnerabilidades neurais subjacentes que contribuem para o início do consumo de substâncias durante a adolescência. O álcool é, de longe, a substância mais comumente utilizada por adolescentes, seguidos da maconha e do uso de cigarros. A intoxicação aguda por álcool e drogas está relacionada a uma série de desfechos adversos, que vão desde a tomada de decisões precárias até mortes relacionadas à substância. As consequências incluem um desempenho acadêmico mais fraco, déficits neurocognitivos e problemas psicossociais (Torikka, Kaltiala-Heino, Luukkaala & Rimpelä, 2016; Squeglia & Cservenka, 2017 & Spear, 2016).

Quando comparadas com os adultos, as consequências da exposição ao consumo de álcool pelos adolescentes demonstram que estes possuem maior sensibilidade e potencialidade para o vício, geralmente por serem mais vulneráveis ao álcool, à nicotina, e à maconha. O uso de drogas é frequentemente iniciado durante a adolescência e as taxas de prevalência anual de uso de álcool e maconha/haxixe crescem significativamente. Muito trabalho ainda é necessário para determinar como a exposição da droga influencia a estrutura do cérebro do adolescente, e fornecer abordagens para prevenir e reverter esses efeitos (Spear, 2016).

Quanto ao consumo de álcool na adolescência e o status socioeconômico formado pela combinação de nível educacional, situação profissional, renda e influência Torikka *et al.* (2016) descreve que existem controvérsias sobre a associação entre status socioeconômico e uso de álcool entre adolescentes. Alguns autores sugerem que a compulsão e o consumo frequente de bebidas alcoólicas entre os adolescentes estão positivamente associados à renda familiar. No entanto, outros estudos têm encontrado pouca evidência ou nenhum padrão claro de associação entre o status socioeconômico e o consumo de álcool. Diferente disso o uso de álcool entre adolescentes está associado à depressão, como afirma Hankin (2009) a prevalência de depressão aumenta significativamente durante a transição da infância para a adolescência, com as maiores taxas observadas entre 15 e 18 anos. A depressão adolescente está associada a uma série de resultados adversos, incluindo deficiências sociais e educacionais, bem como problemas de saúde física e mental.

Shulman, Monahan & Steinberg (2017) explicam que há muito tempo adolescentes e jovens cometem crimes severos a uma taxa mais alta do que os outros grupos etários. Percepções dos jovens sobre as recompensas e os custos do crime são susceptíveis de prever esse tipo de comportamento. Uma maior capacidade de resposta à recompensa durante a adolescência pode levar os jovens, não apenas a atender mais às recompensas potenciais dos custos dos seus atos violentos, mas também agir com impulsos violentos quando preveem que isso será intrinsecamente gratificante, rendendo recompensas sociais e respeito dos pares.

Abranovay (2012) menciona que para compreender o fenômeno da violência nas escolas convém recorrer a aspectos relativos ao espaço interior e exterior delas, como características das vítimas e dos agressores e as diferentes instituições e ambientes pelos quais os estudantes circulam. Na escola existem comportamentos que são negativamente sancionados, mediante punições específicas, conforme as transgressões disciplinares, fato que incorre em qualquer instituição. Na medida em que as punições são estipuladas de forma arbitrária, a escola pode ser um *locus* privilegiado do exercício da violência simbólica, sejam essa expressas no *bullying*, nos delitos contra objetos e propriedades, nas intimidades físicas e verbais e na ostentação de símbolos de violência.

A intimidação ou *bullying* é caracterizada como um episódio de violência que ocorre repetidamente numa relação em que existe um desequilíbrio de poder entre a vítima e o agressor, tornando difícil para o indivíduo intimidado defender-se. O *bullying* pode ocorrer em formas físicas ou verbais a partir do uso de apelidos, insultos, comentários racistas e homofóbicos e baseados em diferenças religiosas, físicas, econômicas, sociais, culturais e políticas. (Vinha, 2014; Alkimiin-Carvalho, Rafihi-Ferreira & Melo, 2017). O prognóstico das crianças que sofrem e que praticam *bullying* não é encorajador. Quando esse tipo de comportamento não é tratado, eles podem se tornar espirais fora de controle na adolescência e na idade adulta, afetando não só as próprias pessoas, mas também suas relações sociais futuras. Um esforço para erradicar o *bullying* na infância pode permitir que indivíduos em risco conduzam vidas normais bem ajustadas ao invés de exibirem comportamentos problemáticos emocionais quando adultos (Ttofi, Farrington, Losel&Loeber, 2011).

Entre os aspectos da violência na escola é preciso levar em conta a questões de gênero, as relações raciais, as situações familiares, a influência dos meios de comunicação e o espaço social das escolas. Da mesma forma, cabe a avaliação de fatores internos como idade, série ou nível de escolaridade dos estudantes, as regras e disciplinas dos projetos pedagógicos das escolas, o impacto dos sistemas de punições, o comportamento dos professores em relação aos alunos e a prática educacional geral do ambiente escolar (Abranovay, 2012).

3. METODOLOGIA

O Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública (CRISP, 2013) com o apoio da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (SEE/MG) e a Fundação de Desenvolvimento da Pesquisa (FUNDEP) realizaram no ano de 2012 um estudo com o objetivo de realizar um diagnóstico aprofundado sobre os perfis, configurações e práticas de violência que se manifestam no ambiente escolar. Dessa forma, o presente estudo tem como base de dados a pesquisa “Violência em Escolas e Programas de Prevenção”, que agrupa os levantamentos realizados pela CRISP/UFMG e disponibilizados para novas pesquisas. Dessa forma, este trabalho busca replicar o percurso metodológico realizado por Ameli *et al.* (2017) em pesquisa sobre associações entre experiência de violência em adolescentes de Malawi baseada em gênero atitudes, internalização e comportamentos de externalização.

Para fins desta análise foram considerados 3513 questionários em um estrato composto por 244 turmas de 86 escolas da rede pública estadual. Da pesquisa original foram considerados apenas adolescentes, que de acordo com a classificação do Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 2015) compõem a faixa etária entre 12 e 18 anos. Os municípios pesquisados foram distribuídos em dois agrupamentos, sejam: região metropolitana (Belo horizonte, Betim, Contagem, Ibirité, Vespasiano, Nova Lima, Ribeirão das Neves, Sabará, Santa Luzia) e interior (Unaí, Divinópolis, Governador Valadares, Juiz de Fora, Montes Claros, Patos de Minas, Poços de Caldas, Teófilo Otoni, Uberlândia).

O trabalho de campo foi dividido em duas etapas: na primeira, os pesquisadores focalizaram seus esforços nas cidades que compõem a Região Metropolitana de Belo Horizonte, aplicando todos os questionários pela amostra para esta circunscrição. Cabe observar que a capital concentrou parte expressiva do trabalho de campo, não apenas por ser a maior cidade do estado, mas também por constituir, dentro da amostra, um município da região metropolitana. A segunda etapa do trabalho consistiu na aplicação dos questionários nas cidades do interior, replicando a mesma dinâmica adotada na região metropolitana. A pesquisa de campo foi oficialmente concluída na primeira quinzena de dezembro de 2012. A amostra da pesquisa permitiu a realização de inferências e comparações entre os municípios que compõem a Região Metropolitana de Belo Horizonte e de todas as cidades de cada uma das dez regiões administrativas do Estado.

3.1 Variáveis estudadas

A realização do estudo considerou nove variáveis que explicassem a associação entre o sofrimento vivenciado por adolescentes escolares e o comportamento externalizado. Como variáveis de internalização foram consideradas a pobreza, o abuso físico na escola, o sofrimento de *bullying* e a vitimização por roubo ou furto. Como variáveis de externalização foram consideradas o consumo de drogas, a prática de *bullying*, de violência física e de furto ou roubo na escola.

A variável pobreza foi medida com base na adaptação do Critério de Classificação Econômica Brasil da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEPE, 2015), que tem como função estimar o poder de compra das pessoas e das famílias. A adaptação dos valores considerou 70% das variáveis mensuradas pelo questionário ABEPE (2015) e ponderou os demais valores. Dessa forma obteve-se um indicador que definia a classe do entrevistado de acordo com o número de pontos obtidos, sejam: Classe A (45 a 100 pontos), Classe B1 (38 a 44 pontos), Classe B2 (29 a 37 pontos), Classe C1 (23 a 28 pontos), Classe C2 (17 a 22 pontos) e Classe D-E (0 a 16 pontos). A partir dessa classificação, os resultados binários foram criados, sendo 0 para “outras classes” e 1 para “pobres” (classes D e E).

A variável abuso físico na escola foi medida a partir do questionamento sobre as experiências de agressão sofridas pelos adolescentes provenientes dos professores e/ou outros. Assim, foram utilizados os seguintes itens: “Nos últimos 12 meses, algum professor agrediu você fisicamente nesta escola?” ou “Nos últimos 12 meses, alguém tentou agredir ou agrediu você fisicamente dentro desta escola?” ou “Alguém te agrediu com empurrões, tapas, jogando objetos em você ou quebrando seus objetos dentro desta escola?”. Os dados binários foram criados considerando 0 para “nunca” e 1 para “pelo menos uma vez”.

Para identificar o sofrimento de *Bullying* pelo adolescente foi considerado se “Nos últimos 12 meses algum (a) professor (a) já ofendeu você com palavras (xingamentos, palavrões, etc.), nesta escola?” ou “No último mês, alguém te humilhou, ofendeu ou intimidou dentro desta escola?” ou “No último mês, alguém te excluiu das atividades em grupo, te chamou com apelidos ofensivos, ou inventou mentiras sobre você dentro desta escola?”. Também aqui os dados binários foram criados considerando 0 para “nunca” e 1 para “pelo menos uma vez” em pelo menos um dos questionamentos.

Ser vítima de Furto ou Roubo foi medido considerando se “Nos últimos 12 meses, alguém já roubou alguma coisa sua (dinheiro, material, relógio ou qualquer outro objeto), usando a força, armas (como revólver, faca, canivete, navalha, porrete etc.) ou ameaçando você, dentro desta escola?” e “Nos últimos 12 meses, alguém já “tomou” alguma coisa sua (dinheiro, material, relógio, ou qualquer outro objeto) em sua pasta, estojo, carteira, sem que você percebesse (em princípio), dentro desta escola?”. Os dados binários consideraram 0 para “nunca” e 1 para “pelo menos um episódio” em pelo menos um dos questionamentos.

A experiência de uso de drogas foi medida a partir do questionamento de cinco itens relacionados ao consumo de algum tipo de droga lícita ou ilícita, sejam: “Você já usou ou experimentou bebida alcoólica?”, “Você já usou ou experimentou cigarros?”, “Você já usou ou experimentou loló, lança perfume, solventes?”, “Você já usou ou experimentou maconha?” e “Você já usou ou experimentou cocaína e/ou crack?”. A combinação binária levou em conta qualquer tipo de experiência do adolescente com drogas, sendo assim, adotou-se 1 para “ter experimentado, ter usado ou ainda usar” e 0 para “Nenhuma experiência”.

A variável prática de *bullying* foi medida por meio das perguntas: “no último mês, você humilhou, ofendeu ou intimidou alguém dentro desta escola?” e “No último mês, você excluiu alguém nas atividades em grupo, chamou alguém com apelidos ofensivos ou inventou

mentiras sobre alguém dentro desta escola?”. Responder sim para pelo menos uma das perguntas levou a considerar que o adolescente praticou *bullying*.

Mediu-se a variável prática de violência física a partir dos questionamentos “Quando teve alguma briga ou discussão com outro (s) aluno (s) nesta escola, reagiu agredindo fisicamente (brigando)”, “No último mês, você agrediu alguém com empurrões, tapas, jogando objetos na pessoa ou quebrando os objetos desta pessoa dentro desta escola?” e “Você já agrediu fisicamente alguém nesta escola?”. A combinação binária considerou prática de violência física o adolescente que respondeu sim para pelo menos uma das perguntas.

A variável prática de furto ou roubo na escola foi medida a partir das questões: “Dentro da escola, você já furtou alguma coisa (dinheiro, material, relógio, ou qualquer outro objeto) na pasta, estojo ou carteira de alguma pessoa, sem que ela percebesse?” e “Dentro da escola, você já roubou alguma coisa (dinheiro, material, relógio, ou qualquer outro objeto) na pasta, estojo ou carteira de alguma pessoa, sem que ela percebesse?” Novamente, a combinação binária considerou 1 para “pelo menos uma resposta positiva” e 0 para “nunca” em pelo menos uma das questões.

3.2 Análise Estatística

Este estudo aplicou a técnica de análise de regressão logística bivariada utilizando-se do software SPSS19®. Esta técnica permite a previsão de qual de duas categorias é provável que uma pessoa pertença dadas certas informações (Field, 2013). As análises foram realizadas sobre dados estratificados por gênero, considerando as diferenças na vitimização. A análise de regressão logística bivariada foi realizada para obter os *oddsratios* que definissem a associação de variáveis ditas de internalização e externalização relativas à violência na escola. Assim, o método utilizado seguiu as proposições de Ameli *et al.* (2017) percorrendo os passos propostos pelos autores.

O início da análise deu-se por meio de estatística descritiva, onde se obteve dados estratificados por sexo para descrever a demografia da amostra e experiências de vida utilizando testes t de amostra independentes e teste de qui-quadrado. Depois se realizou análises de regressão logística bivariada para calcular os *Odds ratios*, determinando a força das associações entre fatores de risco potenciais e desfechos adversos associados.

Na sequência, todas as variáveis que foram encontradas para ter uma associação bivariada com cada resultado - com valores de P menores ou iguais a 0,1, Tabela 2, foram então escolhidas para análises multivariadas ajustadas. Por fim, foram utilizadas análises multivariadas de regressão logística para avaliar os efeitos ajustados e independentes de potenciais fatores de risco. Para cada resultado, os fatores de risco associados, que foram identificados na análise bivariada, foram incluídos no modelo. Além disso, todas as variáveis que foram consideradas fatores preditivos teoricamente importantes (idade, pobreza e região de localização da escola) foram incluídas nas análises multivariadas de regressão logística.

Para a análise foram utilizados modelos de regressão logística com eliminação passo a passo. O primeiro modelo incluiu todas as variáveis da etapa 2 além das variáveis teoricamente importantes. O modelo ponderado final incluía apenas as variáveis estatisticamente significantes.

4. RESULTADOS

Os resultados apresentados partem da descrição das características básicas e demográficas da população estudada. Algumas características iniciais, exposições e experiências apresentaram diferenças significativas no estudo realizado. 32% dos meninos e 44% das meninas viviam na pobreza, classificados nas classes sociais D e E. Tanto as

meninas quanto os meninos relataram experiências de sofrimento de violência física (20% e 28% eles); praticaram de *bullying* (12% e 17%), furtaram ou roubaram (3% e 7%) e agiram com violência e agressão física contra os colegas (15% e 32%) no ambiente escolar. É importante destacar o comportamento dos entrevistados em relação ao consumo de drogas, fator com prevalência muito alta entre os adolescentes pesquisados. 72% das meninas relatam já ter vivenciado algum episódio de experiência ou uso de drogas, sejam lícitas ou ilícitas, fato narrado também por 65% dos meninos (Tabela 1).

Tabela 1

Características e demografia da amostra de adolescentes escolares no Estado de Minas Gerais/Brasil

	Feminino (n = 1964)	Masculino (n = 1549)
Média de idade	15,27	15,24
Viver na pobreza*	44%	32%
Experiência de sofrer violência física na escola*	20%	28%
Experiência de sofrer <i>Bullying</i> na escola	48%	50%
Experiência de consumo de algum tipo de Drogas*	72%	65%
Experiência de ser vítima de furto ou Roubo na escola	40%	41%
Prática de <i>Bullying</i> na escola*	12%	17%
Prática de furto/roubo na escola*	3%	7%
Prática de Violência física na escola*	15%	32%
Região de localização da escola	60%	60%

Nota: * diferença estatisticamente significativa em $p < 0,05$.

Sem diferença estatisticamente significativa entre os casos ($P > 0$), os adolescentes do sexo masculino eram ligeiramente mais jovens do que aquelas do sexo feminino, 15,27 e 15,24, respectivamente. Os meninos foram mais expostos às experiências de sofrimento de *bullying* (50% versus 48% do sexo feminino) e mais vezes vítimas de furto e roubo (41% em relação às meninas, 40%). No que se refere à região onde os adolescentes residem, se no interior ou na área metropolitana, a média foi igual para ambos, 60%.

Os dados foram estratificados por gênero e analisados separadamente para cada estrato de 1549 adolescentes do sexo masculino e 1964 do sexo feminino. Dessa forma, foram encontradas associações entre medidas de exposição à pobreza e violência nas escolas, com medidas de atitudes violentas baseadas no gênero, experiência com uso de drogas, prática de furto e roubo, *bullying* e violência física na escola.

4.1 Experiência no uso de algum tipo de drogas

A análise bivariada estratificada mostrou que, tanto entre adolescentes do sexo masculino, quanto do feminino, as experiências com uso de algum tipo de drogas lícitas ou ilícitas, estava associada ao sofrimento de *bullying* na escola. Exclusivamente nos meninos a vitimização por furto ou roubo também contribuiu para esse comportamento (Tabela 2 e 3). Após ajuste por fatores sociodemográficos identificou-se que entre meninos e meninas o consumo de drogas estava associado ao sofrimento de *bullying* e à idade dos adolescentes. Adicionalmente, nos meninos a vitimização de furto e roubo na escola também influenciaram a experiência no uso de algum tipo de drogas (Tabela 4).

Tabela 2

Associações bivariadas de adolescentes do sexo masculino expostos à violência associada a consumo de drogas, violência física na escola, prática de roubo e *bullying* em escolas do ensino público de Minas Gerais/Brasil.

Variáveisdeterminantes	Comportamentoexternalizado			
	Experiência com Drogas	Prática de Violência	Prática de furto/roubo	Prática de <i>Bullying</i>
	Odds Ratios (95% CI)	Odds Ratios (95% CI)	Odds Ratios (95% CI)	Odds Ratios (95% CI)
Viver na pobreza	0,85 (0,68 - 1,07)	0,79 (0,61 - 1,02)	0,92 (0,60 - 1,42)	0,55** (0,39 - 0,77)
Abuso físico	0,89 (0,68 - 1,16)	3,17*** (2,44 - 4,12)	1,48 (0,96 - 2,28)	2,00*** (1,46 - 2,72)
Vítima de <i>bullying</i>	1,40** (1,11 - 1,77)	2,19*** (1,70 - 2,83)	1,52 (0,97 - 2,38)	2,24*** (1,61 - 3,12)
Experiência Furto/Roubo	1,37** (1,08 - 1,74)	2,05*** (1,60 - 2,63)	2,35*** (1,52 - 3,64)	2,44*** (1,79 - 3,32)

Nota: *estatisticamente significante em $p < 0,05$, **estatisticamente signific. em $p < 0,01$, *** estatisticamente signific. em $p < 0,001$, indica associação estatisticamente signific. de $p < 0,1$ incluída no modelo final.

4.2 A prática de *bullying* na escola

A prática de *bullying* apresenta-se como a atitude de violência mais internalizada entre os adolescentes, apresentando associações com todas as exposições analisadas, tanto para o sexo masculino quanto para o feminino. A efetivação dessa entre os adolescentes foi associada às condições econômicas (viver na pobreza), ao abuso físico na escola, à vitimização por *bullying* e às experiências de furto e roubo na escola (Tabela 2 e 3). A força dessas associações também se fez presente em ambos os sexos após ajuste por características sociodemográficas. Salienta-se que no caso das meninas a prática de *bullying* estava associada também com a região de localização da escola, interior ou região metropolitana (Tabela 4).

Tabela 3

Associações bivariadas de adolescentes do sexo feminino expostas à violência associada ao consumo de drogas, violência física na escola, prática de roubo e *bullying* em escolas do ensino público de Minas Gerais/Brasil.

Variáveisdeterminantes	Comportamento externalizado			
	Experiência com Drogas	Prática de Violência	Prática de furto/roubo	Prática de <i>Bullying</i>
	Odds Ratios (95% CI)	Odds Ratios (95% CI)	Odds Ratios (95% CI)	Odds Ratios (95% CI)
Vivernapobreza	0,87 (0,71-1,0)	1,03 (0,78-1,36)	0,83 (0,47-1,47)	0,63** (0,46-0,86)
Abuso físico	1,08 (0,82-1,42)	3,71 *** (2,79-4,94)	1,32 (0,72-2,40)	2,36 *** (1,73-3,22)
Vítima de <i>bullying</i>	1,61*** (1,30-2,00)	2,72 *** (2,00-3,69)	1,36 (0,74-2,48)	3,23 *** (2,27-4,57)
Experiência Furto/Roubo	1,02 (0,82-1,27)	1,69 *** (1,28-2,24)	4,37 *** (2,27-8,40)	1,55** (1,14-2,10)

Nota: *estatisticamente significante: $p < 0,05$, **estatisticamente significante: $p < 0,01$, ***estatisticamente significativo: $p < 0,001$, 'associação estatisticamente significante de $p < 0,1$ e foi incluída no modelo final.

Tabela 4

Regressões logísticas multivariadas de experiências de adolescentes associadas ao consumo de drogas, violência física na escola, prática de roubo e *bullying* em escolas do ensino público de Minas Gerais/Brasil.

Variáveisdeterminantes	Comportamento externalizado			
	Boys		Girls	
	Odds Ratio	95% CI	Odds Ratio	95% CI
<i>Experiência com algum tipo de droga</i>				
Idade	1,40***	1,31-1,50	1,36***	1,28-1,44
Vítima de <i>bullying</i>	1,55***	1,22-1,97	1,73***	1,38-2,16
Experiência de Furto ou Roubo	1,67***	1,30-2,14		
<i>Prática de Violência física na escola</i>				
Abuso físico na escola	3,17***	2,43-4,14	3,50***	2,62-4,66
Vítima de <i>bullying</i>	2,20***	1,70-2,84	2,67***	1,96-3,63
<i>Experiência de Furto ou Roubo</i>				
Idade			0,87**	0,81-0,95
<i>Prática de furto/roubo na escola</i>				
Abuso físico na escola	1,55**	1,00-2,40		
Experiência de Furto ou Roubo	2,44***	1,57-3,78	4,31***	2,23-8,35
<i>Prática de Bullying na escola</i>				
Viver na pobreza	0,54***	0,38-0,76	0,63**	0,46 - 0,86
Abuso físico na escola	2,04***	1,49-2,80	2,34***	1,70 - 3,22
Vítima de <i>bullying</i>	2,25***	1,62-3,14	3,14***	2,21 - 4,46
Experiência de Furto ou Roubo	2,47***	1,80-3,38	1,57**	1,15 - 2,14
Região			0,73*	0,54-0,98

Note: * estatisticamente signifi cativo em p <0,05, ** estatisticamente significativo em p <0,01, *** estatisticamente signifi cativo em p <0,001. Todos os modelos de controle de idade, gênero, e urbana versus residência rural.

5. DISCUSSÕES

Ao tratar organização escolar como *lócus* da formação de significados nas interações sociaisidentifica-se que a violência contra crianças e adolescentes é caracterizada como uma violação de direitos humanos e um problema de saúde pública global, dadas as consequências que tais práticas podem reproduzir no sujeito em sua vida adulta (Wirtz *et al.* 2016). Muitos dos efeitos negativos e ao longo da vida estão associados à exposição da criança a episódios de violência marcantes, incluindo impactos na saúde física, mental e reprodutiva, bem como no desenvolvimento cognitivo e das interações social (Krug, Mercy, Dahlberg, & Zwi, 2002). Este estudo mostra a prevalência dessas exposições em adolescentes estudantes de 86 escolas da rede pública estadual, do interior e da região metropolitana do Estado de Minas Gerais. O estudo visa quantificar a associação de experiências de vitimização e exposição à violência, a formação de atitudes com base no gênero, o consumo de drogas como transtorno de internalização prejudicial e a perpetração de *bullying* como um comportamento de externalização.

Entre as formas de exposição à violência medidas a experiência com uso de algum tipo de drogas assumiu papel preponderante entre os entrevistados, sendo relatada por um número desproporcionalmente grande de participantes. O uso de drogas como álcool, cigarro, maconha, lança-perfume, solventes, cola de sapateiro, cocaína e crack, apresentou-se como a

forma mais prevalente de exposição à violência para as meninas e a segunda para os meninos. Após os ajustes para os fatores demográficos a exposição ao uso de algum tipo de drogas apresentou forte associação com o sexo e o sofrimento de *bullying* pelas meninas; nos meninos essa associação foi acrescida da vitimização por furto ou roubo.

Os resultados auferidos nesta pesquisa vão de encontro à revisão de literatura realizada que explicitam que entre a população adolescente brasileira, o uso de drogas ilícitas aumentou ao longo dos anos no Brasil (Schenker & Minayo, 2005). Identifica-se na amostra selecionada que 72% das meninas adolescentes já experimentaram algum tipo de Drogas. Entre os meninos esse número cai para 65%. Dados da *World Health Organization* (2008) identificam o uso do álcool como principal fator de risco para o consumo de outras drogas e a manifestação de sintomas psicossociais como depressão, ansiedade e agressividade. Os estudos de Torikka (2016) atentam para o fato de que o uso de álcool em adolescentes está associado à depressão. A prevalência desta aumenta significativamente durante a transição da infância para a adolescência, com as maiores taxas observada na faixa dos 15 aos 18 anos. Na adolescência a depressão está associada a deficiências sociais e educacionais, bem como problemas de saúde física e mental e uma série de outros resultados adversos. Corroborando essas idéias Goldberg-Looney (2016) apontam que o consumo de álcool na adolescência tem importantes implicações na vida social e na saúde do jovem e adolescente, podendo levar a problemas de relacionamento, problemas legais e financeiros, distúrbios emocionais, problemas acadêmicos, agressão sexual e outros comportamentos de risco.

No contexto do gênero, observa-se que os resultados são adversos àqueles de Mendrek & Fattore(2017) e da *United Nations Office on Drugs and Crime* (UNODOC, 2016), uma vez que nestes estudos os homens são três vezes mais propensos do que as mulheres a consumir maconha, cocaína ou anfetaminas. Atenta-se, no entanto que as desigualdades de gênero no uso de drogas são mais atribuíveis às oportunidades de uso de drogas em um ambiente social do que ao gênero ser mais ou menos suscetível ou vulnerável ao uso de drogas.

Outra experiência comum entre os participantes do estudo foi o sofrimento de *bullying* na escola, fortemente associado à prática de violência física, prática de *bullying* e às experiências com uso de drogas. Entre os estudantes de Minas Gerais pesquisados 49,1% mencionam ter sofrido *bullying* na escola, o que vai de encontro com estudos como o de Santos *et al.* (2014) que identificou 23,6% de vítimas de *bullying* (N= 525) no norte do Brasil e o de Moura, Cruz & Quevedo (2011), na região sul do Brasil, que constatou 17,6% de estudantes adolescentes vítimas de *bullying* (N=1075). Os estudos Alckmin-Carvalho, Ferreira & Melo (2017) em amostra de 154 adolescentes brasileiros identificaram 19,4% de adolescentes vítimas de *bullying*, destes 53,3% atingiram níveis clínicos de problemas internalizantes, 36,6% de externalizantes e 43,3% de problemas totais, esses elevados escores apontam para a urgência de prevenir o *bullying* e tratar as vítimas. Duggins *et al.* (2015) mencionam que as respostas à vitimização podem se manifestar não só na forma de angústia ou internalização, mas também no comportamento agressivo e responsivo. Os estudos de Ttofi, Farrington, Losel & Loeber (2011) mostraram associações entre vitimização e posterior violência e criminalidade entre adultos. Os resultados desses estudos demonstram que a vitimização por *bullying* na escola não é apenas um problema temporal e escolar, mas desempenha um papel vital a longo prazo.

No que tange a evidência da associação praticar e sofrer *bullying* os resultados da pesquisa de Haynie *et al.* (2001) também fornecem evidências de que *bullying* e vitimização não devem ser pensados como comportamentos opostos, uma vez que mais da metade dos agressores pesquisados relataram também ser vítimas. Tanto na pesquisa de Haynie *et al.* (2001) quanto no presente estudo a prática de *bullying* e a vitimização foram associados com o envolvimento em outros comportamentos problemáticos, como beber, fumar, roubar e

consumir drogas, um processo que orienta um processo de internalização ou externalização desse tipo de violência contra o adolescente.

As experiências de sofrimento de violência física na escola foi outro fator que apresentou fortes índices de associação com as variáveis em análise. Entre as meninas a violência internalizada estava associada ao sofrimento vivido dentro da instituição escolar, refletido nas práticas de furto e roubo, *bullying* e agressão física aos colegas, ou seja, neste caso o fato de sofrer violência implica diretamente na ação violenta das adolescentes. Nos meninos o abuso físico sofrido na escola foi associado às práticas de violência física e à prática de *bullying*. Lima (2006) chama a atenção para a importância e necessidade da ação da escola como um espaço de antítese à violência, onde a educação deverá estabelecer e garantir relações objetivas e subjetivas que instaurem o sentimento inquestionável e irreduzível de dignidade, auto-estima, consideração e respeito entre os seus agentes, sejam professores, alunos e outros prestadores de serviço. O autor menciona a necessidade da escola intervir nas formas de agressões e humilhações entre alunos, dado que aí se veicula também um aprendizado de violência. A estratégia para coibir tal prática arraigada seria o incremento do uso do diálogo como forma de resolução de conflitos e para lidar com a divergência de opiniões.

Quanto a ser vítima de furto ou roubo observa-se, que embora a baixa ocorrência entre os entrevistados, existe forte associação com os preditores experiência com drogas, prática de violência física na escola, vitimização por *bullying* e a prática de furto ou roubo, como fator de externalização. A associação destas variáveis pode ser explicada pela Teoria da Aprendizagem Social de Bandura que, de acordo com Khouri (2016) pressupõe que o ambiente, as características individuais e o comportamento situacional de uma pessoa determinam-se reciprocamente e que o comportamento é um fenômeno dinâmico em evolução. Essa teoria explica o comportamento humano em termos de uma interação mútua e contínua entre determinantes cognitivos, comportamentais e ambientais. Além

Registra-se ainda a baixa associação da pobreza à externalização da violência, seja na experiência com algum tipo de droga, na prática de violência física aos colegas ou na prática de furto ou roubo na escola. Embora com razão de probabilidade muito baixa, a pobreza apresentou associação apenas com a prática de *bullying*, em ambos os sexos dos adolescentes. Milani (2006) argumenta que as condições que o meio social, o contexto cultural e as condições materiais exercem uma influência profunda na vida das pessoas, podendo ampliar ou reduzir as alternativas diante dela. Mas, se essa influência tivesse o poder de determinar a trajetória de vida, então todos os adolescentes submetidos a condições de pobreza e de exclusão seriam inevitavelmente conduzidos à criminalidade, fato que ocorre apenas com uma pequena parcela dos jovens.

6. LIMITAÇÕES

Ponderados os resultados identificam-se algumas limitações neste estudo que merecem melhor atenção. Por um lado, os achados podem não generalizar a todos os adolescentes. Embora a representatividade da amostra esta limitou-se apenas às principais escolas da região metropolitana de Belo Horizonte e do interior do estado de Minas Gerais. A percentagem de indivíduos envolvidos em violência pode ser em número muito maior quando considerados outros espaços escolares, que podem registrar outras formas de violência, como o abuso sexual, o estupro, a agressão física e psicológica doméstica, como o estudo de Ameli (2017). A variabilidade da distribuição geográfica da pesquisa possibilitaria maior fidelidade na análise das correlações do comportamento de internalização e externalização entre adolescentes.

Uma segunda limitação refere-se às possíveis objeções de respostas dos adolescentes em relação aos temas tratados. Apesar das precauções metodológicas adotadas é possível a infidelidade dos respondentes quanto a comportamentos como uso de drogas e prática de furto ou roubo, dado o preconceito e medo que perpassa essas temáticas no cotidiano escolar. Os adolescentes podem ter ficado arredios para expor algumas das experiências adversas vividas.

Outra limitação refere-se às restrições de inferência de causalidade nas associações estabelecidas. Moreira (2008) pontua que violência e uso de álcool, por exemplo, não possuem relação causal simples e unidirecional. Em estudo na comunidade britânica (2003-2004) identificou-se que em 50% dos casos de violência registrava consumo de álcool pelos perpetradores, contudo, os outros 50% não teve associação com bebidas alcoólicas.

O instrumento de coleta de dados utilizado é apontado como mais uma limitação do estudo, que restringiu a replicação autêntica da pesquisa de Ameli (2017) para comparações regionais. Por não ter sido elaborado com fins específicos para esta pesquisa houver limitações na utilização e precisão de muitas informações quanto às variáveis. Para a variável pobreza, por exemplo, foi necessária a criação de um coeficiente para aproximação da pontuação de classificação segundo critérios da ABEPE (2015).

Os resultados podem ser limitados também devido a confusões residuais, como exposição à violência doméstica, abuso sexual, alienação parietal e outros fatores que influenciam a prática de violência entre os adolescentes. Futuros estudos podem contemplar, além destes, os relacionamentos sociais com a comunidade e outras características sócios demográficas. Para o efeito, os resultados deste estudo constituem uma contribuição à base de provas. No entanto, pesquisas futuras sobre medições e validade de medições são extremamente necessárias para verificar as medidas de item analisadas.

7. CONCLUSÕES

Não obstante às limitações apresentadas, as conclusões desta investigação apontam para importantes implicações da exposição à violência sofrida por adolescentes de escolas públicas do Estado de Minas Gerais e explicam a natureza e a prevalência desta preocupação como um caso de saúde pública. Dessa forma, cabe às partes interessadas, governo, comunidade, professores e familiares, maior envolvimento e esforços para a construção de intervenções bem-sucedidas.

Identifica-se ao longo dos estudos que boa parte da violência vivida pelos adolescentes envolve a falta do cumprimento das leis de proteção e amparo. Como menciona a Lei nº 8.069 de 13/07/1990, Estatuto da Criança e do Adolescente, todas as esferas de governo deverão atuar de forma articulada na elaboração de políticas públicas e na execução de ações destinadas a proteger e amparar a criança e o adolescente. A falta de rigor na aplicação dessa lei e das demais leis acaba por amputar a qualidade de vida desses atores e comprometer sua integridade física, social e moral. Uma primeira iniciativa de intervenção para contenção da violência parte do devido acompanhamento e aplicação dessas leis.

O esforço para minimizar os conflitos geradores de violência na escola pode ser de natureza simples, partindo de relações positivas e políticas escolares de respeito, reconhecimento, atenção e prestígio entre professores e alunos. Por vezes, a produção da agressividade do adolescente é impulsionada pela falta de compreensão e zelo às suas angústias. Tal fato elucida a importância do cuidado com o adolescente (Melanda *et al.* (2017). Estratégias específicas para impedir a (re)produção do sofrimento e prática de *bullying*, pode partir de iniciativas sociopolíticas na área que busquem responder os desafios em tirar esse problema da clandestinidade e enxergá-lo como epidemiologia de risco que muito compromete a saúde mental do sujeito agredido. Torna-se importante articular

múltiplos atores sociais e diferentes setores da sociedade de forma a implementar políticas públicas que visem estimular valores e atitudes de convivência saudável (Malta, 2014).

Para preveniras consequências da violência na escola, fazem-senecessários maiores investimentos em medidas socioeducativas de valorização e reconhecimento do adolescente como sujeito em estado de vulnerabilidade. A cooperação da sociedade pode ser um importante aliado neste processo. Como menciona Garbin (2016) as redes de proteção à criança e ao adolescente são um ótimo exemplo de iniciativa em prol do combate à violência infantil, uma vez que a atuação interinstitucional permite um maior enfrentamento do problema, alcançando de forma efetiva todos os atores sociais envolvidos.

REFERÊNCIAS

- Abramovay, M, & Rua, M. D. G. (2002). Violência nas escolas. In *Violência nas escolas*. Brasília: UNESCO, UCB, Observatório de Violências nas Escolas.
- Alckmin-Carvalho, F., El Rafihi-Ferreira, R., & da Silva Melo, M. H. (2017). Bullying and behavior problems reported by victims and teachers: Brazilian findings. *Psico*. Porto Alegre, 48(1), 31-39.
- Ameli, V., Meinck, F., Munthali, A., Ushie, B., & Langhaug, L. (2017). Associations between adolescent experiences of violence in Malawi and gender-based attitudes, internalizing, and externalizing behaviors. *Child Abuse & Neglect*, 67, 305-314.
- Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa – ABEPE (2016). Critério de classificação econômica Brasil: Critério Brasil 2015 e atualização da distribuição de classes para 2016. São Paulo, 2016. Disponível em: <http://www.abep.org/criterio-brasil>. Acesso em: 20 de maio 2017.
- Brasil (2013). Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância de Doenças e Agravos não Transmissíveis e Promoção da Saúde. *Sistema de Vigilância de Violências e Acidentes (Viva): 2009, 2010 e 2011*. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. 164 p.
- Brasil (2015). Ministério da Saúde. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2003. 114 p.
- Cavalcante, M. B. P. T., Alves, M. D. S., & Barroso, M. G. T. (2008). Adolescência, álcool e drogas: uma revisão na perspectiva da promoção da saúde. *Esc Anna Nery Rev Enferm*, 12(3), 555-9.
- Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública (2013). Violência em Escolas e Programas de Prevenção. Disponível em: <disponível em: <<http://www.crisp.ufmg.br/bancodedados>>. Acesso 01/março/2017.
- Duggins, S. D., Kuperminc, G. P., Henrich, C. C., Smalls-Glover, C., & Perilla, J. L. (2016). Aggression among adolescent victims of school bullying: Protective roles of family and school connectedness. *Psychology of violence*, 6(2), 205.
- Field, A. (2013). *Discovering statistics using IBM SPSS statistics*. 4a. Ed. Sage.
- Garbin, C. A. S., Arcieri, R. M., Araújo, P. C., & Garbin, A. J. I. (2017). Identificação dos casos de violência contra crianças em escolas municipais de ensino básico de Araçatuba, São Paulo. *Em Extensão*, 15(2), 94-108.
- Goldberg-Looney, L. D., Sánchez-SanSegundo, M., Ferrer-Cascales, R., Albaladejo-Blazquez, N., & Perrin, P. B. (2016). Adolescent alcohol use in Spain: connections with

- friends, school, and other delinquent behaviors. *Frontiers in psychology*, 7.
- Hankin, Benjamin L. (2009) Development of Sex Differences in Depressive and Co-Occurring Anxious Symptoms During Adolescence: Descriptive Trajectories and Potential Explanations in a Multiwave Prospective Study, *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 38:4, 460-472.
- Haynie, D. L., Nansel, T., Eitel, P., Crump, A. D., Saylor, K., Yu, K., & Simons-Morton, B. (2001). Bullies, victims, and bully/victims: Distinct groups of at-risk youth. *The Journal of Early Adolescence*, 21(1), 29-49.
- Ecclestone, Kathryn (2016): Vulnerability and young people: care and social control in policy and practice, *Journal of Education Policy*.
- Khouri, N. D. M. A. A. (2016). Uso de drogas na adolescência: associações com sexo, práticas parentais, autoeficácia e perspectiva de tempo futuro. *Tese de doutorado*, Brasília: Universidade de Brasília. Acesso em 22 de maio de 2017. Disponível em: repositorio.unb.br/handle/10482/22358.
- Krug, E. G., Mercy, J. A., Dahlberg, L. L., & Zwi, A. B. (2002). The world report on violence and health. *The lancet*, 360(9339), 1083-1088. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(02\)11133-0](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(02)11133-0)
- Laranjeira, R., Madruga, C. S., Pinsky, I., Caetano, R., Ribeiro, M., & Mitsuhiro, S. (2014). II Levantamento Nacional de álcool e drogas: o uso de cocaína e crack no Brasil. São Paulo: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Políticas Públicas de Álcool e Outras Drogas, UNIFESP. Relatório 2012.
- Leme, M. I. S. (2006). Convivência, conflitos e educação nas escolas de São Paulo. São Paulo: ISME.
- Lima, C. A. (2006). Violência faz mal à saúde. In Série B. *Textos básicos de saúde*. Brasil. Ministério da Saúde.
- Malta, D. C., Porto, D. L., Crespo, C. D., Silva, M. M. A., Andrade, S. S. C. D., Mello, F. C. M. D., ... & Silva, M. A. I. (2014). Bullying em escolares brasileiros: análise da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE 2012).
- Melanda, F. N., dos Santos, H. G., Urbano, M. R., de Carvalho, W. O., González, A. D., Mesas, A. E., & de Andrade, S. M. (2017). Poor Relationships and Physical Violence at School Are Associated With More Forms of Psychological Violence Among Brazilian Teachers: A Cross-Sectional Study. *Journal of Interpersonal Violence*.
- Mendrek, A., & Fattore, L. (2017). Sex differences in drug-induced psychosis. *Current Opinion in Behavioral Sciences*, 13, 152-157.
- Milani, F. M. (2006). Adolescentes: De vítimas da violência a protagonistas da paz. *Ministério da Saúde*. In; Lima, C. A. (2006) Violência faz mal à saúde. In Série B. *Textos básicos de saúde*. Brasil. Ministério da Saúde.
- Monteiro, K. C. C., & Lage, A. M. V. (2007). A depressão na adolescência. *Psicologia em Estudo*, 12(2), 257-265.
- Moreira, T. C., Belmonte, E. L., Vieira, F. R., Noto, A. R., Ferigolo, M., & Barros, H. M. (2008). A violência comunitária e o abuso de álcool entre adolescentes: comparação entre sexos. *J. Pediatr. (Rio J.)* [online]. 2008, vol.84, n.3, pp.244-250.

- Moura, D.R., Cruz, A.C.N., & Quevedo, L.A. (2011). Prevalence and characteristics of school age bullying victims. *Jornal de Pediatria*, 87(1), 19-23.
- Moura, N. A. de, Monteiro, A. R., de Freitas, M., & Jacob, R. (2016). Adolescentes usuários de drogas (i) lícitas e práticas de violência. *Journal of Nursing UFPE/Revista de Enfermagem UFPE*, 10(5).
- Pappa, J. S. (2004). A (in)disciplina e a violência escolar segundo a concepção de professores do ensino fundamental. Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2004. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/101531>>.
- Ruprah, I. J., Sierra, R., & Sutton, H. (2017). Sex, violence, and drugs among Latin American and Caribbean adolescents: Do engaged parents make a difference? *Children and Youth Services Review*, 73, 47-56.
- Santos, J.A., Cabral-Xavier, A.F., Paiva, S.M., & Leite-Cavalcanti, A. (2014). The prevalence and types of *bullying* in 13 to 17 year-old Brazilian schoolchildren. *Revista de Salud Pública*, 16(2), 173-183.
- Shulman, E. P., Monahan, K. C., & Steinberg, L. (2017). Severe violence during adolescence and early adulthood and its relation to anticipated rewards and costs. *Child development*, 88(1), 16-26.
- Souza, E. D., Mello Jorge, M. H., & Lima, C. A. (2004). Impacto da violência na infância e adolescência brasileiras: magnitude da morbimortalidade. In: Lima, C. A. (2006). Violência faz mal à saúde. In Série B. *Textos básicos de saúde*. Brasil. Ministério da Saúde.
- Spear, L. P. (2016). Consequences of adolescent use of alcohol and other drugs: Studies using rodent models. *Neuroscience & Biobehavioral Reviews*, 70, 228-243.
- Squeglia, L. M., & Cservenka, A. (2017). Adolescence and drug use vulnerability: findings from neuroimaging. *Current Opinion in Behavioral Sciences*, 13, 164-170. <http://dx.doi.org/10.1016/j.cobeha.2016.12.005>
- Torikka, A., Kaltiala-Heino, R., Luukkaala, T., & Rimpelä, A. (2016). Trends in alcohol use among adolescents from 2000 to 2011: the role of socioeconomic status and depression. *Alcohol and alcoholism*, 52(1), 95-103.
- Ttofi, M. M., Farrington, D. P., Lösel, F., & Loeber, R. (2011). Do the victims of school bullies tend to become depressed later in life? A systematic review and meta-analysis of longitudinal studies. *Journal of Aggression, Conflict and Peace Research*, 3(2), 63-73.
- United Nations Office on Drugs and Crime (UNODOC). World Drug Report 2016 (United Nations publication, Sales No. E.16.XI.7)
- Vinha, T. P. (2014). Os conflitos interpessoais no Brasil e as violências escondidas. *International Journal of Developmental and Educational Psychology. Revista INFAD de Psicologia.*, 7(1), 323-332. pp:323-332
- Wirtz, A. L., Alvarez, C., Guedes, A. C., Brumana, L., Modvar, C., & Glass, N. (2016). Violence against children in Latin America and Caribbean countries: a comprehensive review of national health sector efforts in prevention and response. *BMC public health*, 16(1), 1006.
- World Health Organization (2008). Inequalities in young people's health. Health Behavior in School- Aged Children. International Report from 2005-2006. Health Police for Children and Adolescents. No 5.

Yablon, Y. B. (2017). Students' reports of severe violence in school as a tool for early detection and prevention. *Child development*, 88(1), 55-67.